Os jesuítas no Teto do Mundo: a atividade missionária da Companhia de Jesus no Tibete (1624-1635)

Rui Luis Rodrigues, *Franco Alves Biondi

Resumo

Dentre os anos de 1624 e 1635, a Companhia de Jesus estabeleceu duas missões em regiões localizadas no atual Tibete, nos então reinos do Gu-gê e de U-Tsang. A partir do relato epistolar dos missionários que participaram das "Missões Tibetanas", procurou-se compreender as estratégias que desenvolveram nessas missões, levando em conta seus contextos políticos e os seus resultados.

Palavras-chave:

Missões, Jesuítas, Tibete

Introdução

No ano de 1624, o missionário jesuíta Antônio de Andrade parte de Agra em busca de uma suposta terra de cristãos, conhecida apenas pelos vagos relatos de viajantes e comerciantes muçulmanos. Essa viagem o levará a cidade de Tsaparang, no reino do Gu-gê, onde fundará uma missão. Esse é o início de uma série de tentativas de se criar e consolidar uma comunidade católica no Tibete, que chegará a envolver uma segunda missão, em U-Tsang.

O desenrolar da atuação missionária em uma região tão distinta do universo conhecido pelos jesuítas, assim como o isolamento geográfico e linguístico, levará à elaboração de estratégias por parte dos missionários. Percebe-se uma repetição de técnicas já utilizadas em missões anteriores, principalmente as missões no Império do *Grão Mogol*.

A partir da análise dessas estratégias pelos relatos epistolares dos missionários, propõe-se a formulação de uma interpretação crítica sobre a atuação da Companhia de Jesus no Tibete, levando em conta os esforços despendidos nos dez anos em que duraram as missões e nos resultados praticamente nulos que elas obtiveram.

Resultados e Discussão

As *Missões Tibetanas* foram analisadas a partir da compilação de Hugues Didier,¹ que reúne seis cartas relacionadas às missões no Tibete: quatro referentes à missão de Tsaparang e duas, de U-Tsang. O objetivo inicial era propor explicações para a iniciativa de se partir para uma terra desconhecida e de difícil acesso como um resultado de disputas internas da Companhia de Jesus. As informações contidas no *corpus* documental, juntamente com o tempo disponibilizado para a pesquisa, no entanto, nos levaram a analisar as estratégias adotadas, que refletem as dificuldades encontradas pelos missionários e os limites de suas capacidades de adaptação às situações que encontraram.

As cartas foram analisadas levando em conta seu caráter retórico, como aponta José Eisenberg.² Os moldes das cartas públicas, denominadas *hijuelas*, condicionam as informações que trazem, ocultando as informações tidas como não dignas de serem conhecidas do grande público, como a aproximação com viajantes muçulmanos ou problemas nas missões. Da mesma forma, as cartas endereçadas aos superiores da Companhia também influenciam o seu conteúdo, a exemplo da situação, quase sempre, excessivamente

favorável com que o desenrolar das missões é descrito, o que visa atrair maior apoio e recursos.

A principal estratégia adotada pelos missionários se assemelha fortemente às missões jesuíticas no Império do *Grão Mogol*,³ onde o principal foco foi a conversão dos soberanos. Em Tsaparang, os missionários relacionaram o sucesso da empreitada evangélica ao apoio do rei, assim como a sua conversão. O mesmo objetivo é refletido, mesmo que mais levemente, na missão de U-Tsang.

As dificuldades com a língua local, inúmeras vezes citadas pelos missionários, também colocou limites às suas capacidades de atuação. Isso foi motivo de confusões e incompreensões, tanto dos missionários quanto dos próprios tibetanos, o que, certamente, agiu para o insucesso das missões.

Conclusões

A dificuldade de compreensão da mensagem evangélica, resultado da barreira linguística, somada à aproximação com o poder real levou os jesuítas para o centro das disputas locais, o que, ambigualmente, serviu para o seu fortalecimento e, ao mesmo tempo, destruição: fortalecimento por encontrarem no poder real um amparo às missões; destruição por se oporem às forças políticas e "religiosas" que acabaram por suplantarem o poder representado pelo soberano.

Dessa forma, concluímos que as *Missões Tibetanas* foram frustradas pelas próprias escolhas dos missionários, assim como pelo contexto histórico do Tibete, que, no momento da chegada da Companhia, encontrava-se em franca ebulição.

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela oportunidade da pesquisa, efetivada pela bolsa PIBIC. Agradeço também ao meu orientador, prof. Rui Luis Rodrigues, por todo o empenho, auxílio e atenção despendidos na realização desse trabalho.

¹ DIDIER, Hughes. *Os Portugueses no Tibete: os primeiros relatos dos jesuítas (1624-1635)*. 1ª edição. Tradução de Lourdes Júdice. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos Portugueses, 2000.

² EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: Encontros culturais, aventuras teóricas*. 1ª edição. Editora UFMG, Belo Horizonte - MG, 2000. pp. 27-56.

³ CRUZ, Bruna Dutra de Oliveira Soalheiro. *A missão Tibetana na Correspondência Jesuíta (1624-1631)*. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 119.